



José Bancaleiro
Managing Partner da Stanton Chase International

“Jeitinhos e Jeitosos”

Acontece, infelizmente, com muita frequência. Uma empresa é confrontada com um objectivo difícil e determinante para o seu sucesso futuro, como, por exemplo, a necessidade de entrar num novo sector de actividade. Sabe que isso depende de encontrar alguém com competências sólidas e experiências comprovadas nessa área.

Apesar disso, opta por procurar entre os seus “conhecidos” ou entre os CVs que tem na sua base de dados alguém que se “ajeite” naquela função. O “jeitoso” é contratado e um ano e meio depois conclui-se que, apesar do seu esforço e dedicação, a empresa continua sem conseguir negócios no sector desejado.

O prejuízo destas decisões não é apenas o custo dos salários entretanto dispendidos. É, principalmente, o impacto negativo provocado pelo atraso (às vezes definitivo) em atingir objectivos essenciais para a organização. Contratar um especialista é um investimento do qual se obtém um (maior ou menor) retorno. Contratar um “jeitoso” é, na maioria dos casos, meramente um custo.

Arranjar alguém para dar um “jeitinho” a um problema ou um “jeitoso” para exercer uma função é um hábito tipicamente português. Há mesmo quem diga (José Pedro Gomes) que Portugal é um país de jeitosos.

O dar um “jeitinho” corresponde ao tradicional “desenrascanço” que é, seguramente, uma das características (e qualidades) mais vincadas dos portugueses. Pela positiva, ela significa um misto de flexibilidade, criatividade e agilidade que permite encontrar soluções “out of the box”, em tempo recorde e sob pressão.

Possuir estas qualidades num mundo marcado pela velocidade crescente, pela imprevisibilidade persistente e pela mudança permanente será, certamente, uma enorme vantagem competitiva.

Mas o “jeitinho” português é também, agora pela negativa, fazer as coisas sem preparação, sem planeamento e sem qualidade.

É trabalhar para o curto prazo, encontrando soluções que desenrasquem e aguentem apenas o tempo necessário para ultrapassar aquele momento crítico, mesmo que se saiba que isso vai, inevitavelmente, criar problemas mais tarde.

É adiar um problema em vez de o resolver. É deixar as coisas presas por fios. É a atitude “quem vier a seguir que se lixe”.

Todos sabemos que encontrar a pessoa certa é determinante para o sucesso de qualquer projecto, especialmente daqueles que se caracterizam por um elevado grau de dificuldade. Optar por contratar alguém que se ajeite em vez de um especialista é arriscar objectivos importantes da empresa às mãos de uma pessoa que se sabe que não têm as competências nem as vivências adequadas para os alcançar.

Estas decisões acontecem amiudadamente porque os gestores, apesar de apregoarem a importância do capital humano, continuam a considerar as pessoas como um custo e não como um investimento. Preferem, por isso, gastar menos contratando um “jeitoso”, mesmo que isso signifique correr elevados riscos de insucesso, do que investir mais algum dinheiro na selecção de alguém especializado, que lhes possa ampliar fortemente as possibilidades de êxito.

No ambiente empresarial em que vivemos, fortemente marcado pela complexidade e pela competitividade, o recurso a “jeitinhos” e o recrutamento de “jeitosos” levará, quase inevitavelmente, ao fim duma empresa ou dum projecto.

José Bancaleiro

